

#ACONTECEUCOMIGOHQ: Gordofobia em Relatos de Mulheres Anônimas

Fabiana Oliveira Gillet
*Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da
Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES/UFGPA.
fabiana.gillet@gmail.com*

Luiz Cezar Silva dos Santos
*Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da
Universidade Federal do Pará.
lzcezar@ufpa.br*

Simpósio Temático nº 30 – PESQUISA GORDA

RESUMO

Propomos neste trabalho uma análise sobre as tiras da *webcomic* *Aconteceu Comigo* da quadrinista amazonense Laura Athayde, postadas em seu Instagram e que foram publicadas em formato de livro impresso em 2020. A *webcomic* foi criada por Athayde a partir de relatos anônimos de mulheres sobre suas vivências, cotidianos e o enfrentamento ao machismo e outros preconceitos como racismo, LGBTfobia, etc. Destacam-se, para os fins deste estudo, as tiras que retratam relatos de gordofobia, aceitação corporal, saúde e autoestima com relação ao corpo. Questionamos, assim, que relações existem entre os discursos relacionados ao movimento *body positive* e a antigordofobia incutidos na representação dos relatos anônimos e nos comentários das leitoras e leitores na rede social Instagram? Com objetivos de identificar e classificar os discursos alinhados ao movimento *body positive* ou ao discurso antigordofobia (ARRUDA; JIMENEZ; SANT'ANNA; WOLF); analisar a *webcomic* e comentários a partir de seus conteúdos e discursos e comparar os dados a fim de compreender as relações existentes entre ambos os discursos e os sentidos existentes nos comentários das leitoras e leitores.

Palavras-chave: Webcomic; Gordofobia; Antigordofobia; Body Positive.

ABSTRACT

This study propose an analysis of the *webcomic* *Aconteceu Comigo* of the brazilian comic artist Laura Athayde, from amazon, posted on her Instagram and that were published in book format on 2020. The *webcomic* was created by Athayde from anonymous reports of women about their experiences, daily life and facing sexism and other prejudices such as racism, Lgbtphobia, etc. Stand out, for the purposes of this study, the strips that depict reports of fatphobia, body acceptance, health and self-esteem in relation to the body. We ask, therefore, what relations exist between the discourses related to the body positive movement and fatphobia embedded in the representation of anonymous reports and in the comments of readers on Instagram? With the aim of identifying and classifying the discourses aligned with the body positive movement or with fatphobia discourse (ARRUDA; JIMENEZ; WOLF; SANT'ANNA); analyze the

webcomic and comments from their contents and speeches and compare the data in order to understand the relations between both discourses and the meanings existing in the comments of readers.

Keywords: Webcomic; Fatphobia; Body positive.

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma discussão sobre os discursos do movimento *body positive* e da antigordofobia na *webcomic Aconteceu Comigo* de autoria da quadrinista amazonense Laura Athayde, a partir das publicações da *webcomic* em seu perfil na rede social Instagram, marcadas com a *hashtag* #aconteceucomigohq. As tiras são baseadas em relatos anônimos de mulheres sobre suas vivências e o enfrentamento a diversas opressões em seu cotidiano, com a tônica do machismo. Dessa forma, a discussão parte de uma perspectiva interseccional, considerando que mesmo que a problemática deste trabalho tenha como fator principal matrizes de opressão ligadas ao corpo gordo (pressão estética e gordofobia), elas não se sobrepõem às outras, como racismo, LGBTfobia, etc., que atravessam ao mesmo tempo e de maneiras diferentes a identidade dessas mulheres (CARRERA, 2021. LORDE, 2019a, 2019b). Para a discussão a respeito da pressão estética e gordofobia, dialogamos com Jimenez (2020), Arruda (2021), Sant’Anna (2014, 2016) e Wolf (2020), partindo do conceito de estigma de Goffman (2019).

Tendo em vista o contexto midiaticizado a que se refere Sodré (2002) em que se insere a *webcomic Aconteceu Comigo*, abordamos ainda a pertinência do *medium* da internet para a inserção feminina no mercado quadrinístico (MESSIAS, 2018) e para o surgimento de novas formas de interação em que leitoras/leitores ganham papéis mais ativos nas narrativas em quadrinhos (ALMEIDA, 2019).

A partir dessas considerações questionamos que relações existem entre os discursos relacionados ao movimento *body positive* e antigordofobia incutidos na representação dos relatos anônimos e nos comentários de leitoras/leitores nas tiras publicadas no Instagram? Com objetivos de identificar, categorizar, analisar e comparar os discursos alinhados ao movimento *body positive* ou ao discurso antigordofobia na *webcomic* e comentários, com intuito de compreender os sentidos e tensões existentes entre eles.

A primeira parte do texto foi dividida em duas seções que abordam as acepções acerca das *webcomics* e da interseccionalidade: *Outro jeito de fazer e ler quadrinhos* e *História em*

quadrinhos sob um olhar interseccional, respectivamente. Seguidas da discussão e análise do objeto da pesquisa nas seções #AconteceucomigoHQ – Relatos de gordofobia e pressão estética e Corpo Livre x Corpo Gordo e, por fim, das Considerações Finais.

OUTRO JEITO DE FAZER E LER QUADRINHOS

Na sociedade em rede que nos fala Castells (2020), a internet se apresenta como uma rede interativa que integra as diversas modalidades de comunicação humana: escrita, oral e audiovisual. Não surpreende, portanto, que as mais diversas ações e produções humanas tenham passado por modificações e os quadrinhos, nosso objeto de estudo, diante desta realidade com interações multifacetadas.

Com o desenvolvimento de *softwares* de criação gráfica e de *websites*, redes sociais digitais e aplicativos para aparelhos eletrônicos, surgiram as chamadas *webcomics* que são histórias em quadrinhos criadas através de aparatos digitais e difundidas pela Internet, ainda que existam publicações que hibridizem o analógico e digital através do escaneamento ou fotografia dos quadrinhos desenhados manualmente com a arte finalização no computador.

As *webcomics* permitem diferentes interações, como apontou Castells, com a integração das diferentes modalidades de comunicação. Entretanto, para os fins deste estudo, ressaltamos a interação leitor(a)-quadrinista através das *webcomics*, nos sites, fóruns, mas sobretudo nas redes sociais, onde os leitores e leitoras podem enviar mensagens (escritas, vídeos, imagens, áudios), com elogios ou críticas, diretamente para quadrinistas sem a mediação de uma editora ou com demasiado tempo de espera para obter resposta. Portanto, além de novas ferramentas de produção para quadrinistas, neste ambiente midiático o leitor e leitora, através do *medium* da Internet ganham novos papéis mais ativos em relação tanto à narrativa quanto com os(as) autores(as), tendo maior interação com as histórias em quadrinhos (ALMEIDA, 2019).

O *medium* caracteriza um tipo particular de interação que Sodré (2002) chama de tecnointeração. Sodré (2002) aponta que neste contexto tecnointeracional há uma nova forma de ambiência, com seu código e sugestões de condutas que refletem o social. O indivíduo, usuário, consegue de certo modo vivenciar no ambiente digital através das interfaces. Assim, o reflexo ou reprodução não configura uma simples cópia da realidade, porque se caracteriza como uma nova forma de vida, em um novo espaço, com novos parâmetros para a constituição de identidades pessoais (SODRÉ, 2002, p. 23).

Além de possibilitar essas novas modalidades de interação, considerando leitor(a)-HQ-quadrinista (não necessariamente nessa ordem), ao elencar questões referentes ao mercado quadrinístico e marcadores sociais como gênero, raça e classe, é importante observar que enquanto o meio editorial majoritariamente prioriza produções de autoria masculina, cis, hétero, branca, a internet, como Castells (2020) indica, por sua característica de autorregulação, propicia uma independência de quadrinistas mulheres cis e trans e pessoas não-binárias, das editoras. No Brasil, observa-se uma amplificação de produções femininas desde meados de 2010 (PAIM, 2020), com papel significativo da Internet, que como afirma Messias (2018), revelou autoras de várias regiões do país. Como do próprio Norte que historicamente é invisibilizado tanto no meio editorial quanto nas narrativas.

Neste sentido, cabe ressaltar que além da inserção destas artistas e autoras no mercado de quadrinhos, a internet possibilita uma certa liberdade para que abordem diferentes temas e gêneros narrativos que muitas vezes são deixados de lado pelo mercado *mainstream*, que privilegia representações carregadas de estereótipos de gênero, raça e outros marcadores sociais, que revalidam valores patriarcais brancos e cis heteronormativos. Assim, essas produções femininas na internet suscitam não somente diferentes expressões como também identificações por parte das(os) leitoras(es), que muitas vezes participam de forma ativa da construção das narrativas, e até mesmo, como veremos no caso da *webcomic Aconteceu Comigo*, tornam-se parte dessas histórias.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS SOB UM OLHAR INTERSECCIONAL

Aconteceu Comigo é um projeto criado pela quadrinista amazonense Laura Athayde, que se origina em 2015 a partir do relato da irmã da autora sobre os preconceitos que sofria por ser mulher em um curso da área de ciências exatas, assim a quadrinista passou a se indagar sobre quantas mulheres sofriam ainda com o machismo na academia e quantas poderiam ter desistido de continuar seus estudos por esse motivo. Ela se questionou sobre as várias realidades e vivências femininas que as próprias mulheres desconhecem umas das outras, a exemplo de mulheres brancas que não sofrerão racismo, mulheres magras que não sofrerão a gordofobia etc. Assim como também sabia que muitas vezes as denúncias são lidas, sobretudo na internet, como vitimização (ATHAYDE, 2020).

Athayde passou então, a desenvolver tiras para suas redes sociais baseadas em relatos que recebia na sua caixa de mensagens nas redes sociais ou através de um formulário anônimo

que disponibilizou *online*, com intuito de difundir essas experiências de modo as pessoas pudessem compreender melhor as demandas das minorias se conhecessem as histórias das pessoas que passam por opressões como o machismo, racismo, LGBTfobia, gordofobia, capacitismo etc. A autora considera ainda que houve uma positiva reação do público que interagiu nos comentários da *webcomic* discutindo e se identificando com os relatos representados (ATHAYDE, 2020).

Os relatos resultaram em 70 quadrinhos, publicados primeiramente em formato de *webcomic*, através das tiras em suas redes sociais com a *hashtag* #aconteceucomigo¹, entre os anos de 2015 e 2019. E publicação impressa *Aconteceu Comigo: histórias de mulheres reais em quadrinhos* (2020). Buscamos nos aprofundar na *webcomic* com intuito de observar e analisar a interação das leitoras e leitores através dos comentários na rede social Instagram, onde 137 publicações estão marcadas pela *hashtag* (até a escrita deste artigo), sendo 55 publicações da *webcomic* pela autora e as demais dividindo-se entre compartilhamentos, divulgação do livro, marcações sobre assuntos relacionados e outros.

Como dito anteriormente, os relatos giram em torno de questões ligadas a preconceitos enfrentados por essas mulheres, sendo a tônica o machismo que afeta a todas, mas que é atravessado por opressões outras de diferentes formas. Nesse sentido é importante abordarmos esses relatos primeiramente sob uma ótica interseccional, compreendendo que essas opressões não se sobrepõem umas às outras (LORDE, 2019a), elas atravessam as experiências cotidianas dos indivíduos, relacionando-se de diferentes formas. Levando em consideração que os sujeitos são compostos não por uma identidade fixa e permanente, mas por várias identidades que podem até ser contraditórias e conflitantes, elas podem, portanto, deslocar o sujeito para diferentes direções em diferentes momentos, de forma provisória, variável e até mesmo problemática (HALL, 2020).

A exemplo dessas diferentes identidades podemos citar as categorias sociais que representam as avenidas identitárias apontadas pela professora Fernanda Carrera (2021) em sua proposta metodológica da roleta interseccional para análises em Comunicação: gênero, raça, classe, peso, idade, deficiência, geolocalização e sexualidade, buscando não se negligenciar nenhuma inserção imprescindível para essas análises subjetivas. Tendo em vista a pertinência das identificações de gênero, raça e classe, mas também de um aprofundamento sobre as disputas e pressupostos que regem esses marcadores em dado contexto social, histórico e cultural (CARRERA, 2021). É importante considerar ainda, que por mais que uma opressão não se sobreponha a outra, é necessário compreender as especificidades das subjetividades identitárias, em como se relacionam e como se traduzem nas experiências cotidianas e, portanto,

no enfrentamento das opressões. Assim, Carrera (2020) salienta, pensando com Crenshaw (1989), a importância da comparação para compreensão dessas marcações sociais e suas diferenças.

Audre Lorde (2019b) aponta uma necessidade de se compreender e, principalmente, reconhecer essas diferenças para que, a partir disso, seja possível convivermos igualmente e examinarmos as distorções que surgem da definição incorreta dessas distinções ou da imposição de limites intransponíveis entre elas e ainda pior, de uma pretensão da inexistência dessas diferenças. Para a autora e ativista, isso acaba provocando um isolamento voluntário de determinados grupos ou cria vínculos falsos e traiçoeiros. Ou seja, ao invés de nos debruçarmos sobre as diferenças enquanto reconhecimento das alteridades, partimos de uma falsa ideia de semelhança, desconsiderando a heterogeneidade e pluralidade das identidades femininas ao priorizar as opressões sofridas por mulheres partindo de uma ideia única e fixa do que é ser mulher o que acarreta distorções até mesmo no auto reconhecimento dessas diferenças e portanto na compreensão das tensões existentes entre as experiências das mulheres, por exemplo, a negação de mulheres brancas em reconhecer seus privilégios sociais em comparação a mulheres negras ou ainda, de mulheres magras reconhecerem seus privilégios sociais em comparação a mulheres gordas, etc.

Daí a importância de produtos e narrativas como a *webcomic Aconteceu Comigo* que estimula o diálogo a partir do reconhecimento dessas diferenças, visto que como Boff (2014) infere em sua tese, a inserção de mulheres no meio quadrinístico não garante uma participação ou representações plurais dos diferentes grupos sociais minoritários no mercado ou nas narrativas.

#ACONTECEUCOMIGOHQ - RELATOS DE GORDOFOBIA E PRESSÃO ESTÉTICA

Em sua proposta metodológica da roleta interseccional, Carrera (2021) aponta três hastes representativas de avenidas identitárias imprescindíveis ao entendimento de matrizes de opressões relacionadas ao corpo: peso, idade e deficiência. Ela considera que o corpo é fator fundamental no que diz respeito a estigmatização dos sujeitos e chama atenção, portanto, a necessidade de análises que tratem a discussão do corpo sob uma perspectiva interseccional no campo da Comunicação.

O corpo, por sua materialidade, faz com que os atributos físicos dos indivíduos sejam os primeiros percebidos pelas outras pessoas. Assim, é por meio dele que as primeiras informações sobre a identidade social ganham forma e sentido. Goffman (2019) diz que a nossa percepção sobre as identidades sociais tem a ver com determinadas concepções sociais que são definidas como normativas e que quando nos comunicamos com as outras pessoas, de certa forma inconscientemente, buscamos atender a essas exigências a partir dos atributos que demonstram ter ou não, quando determinado atributo não atende as exigências é tido como anormal. Essa característica, ao se tornar determinante e aceita pela maioria dos que são considerados como normais, torna-se um estigma. Só que o estigma não se trata apenas da definição destas características, mas sim do entendimento de que elas refletem as qualidades morais desse indivíduo (GOFFMAN, 2019. POULAIN, 2013). Assim, Jimenez (2020) aponta o estigma como uma forma de controle social, já que define o que é ou não aceitável na sociedade. Desta forma, os atributos estigmatizados sempre aparecem em evidência nos relatos de opressão sofridas pelas mulheres na *webcomic Aconteceu Comigo*.

No que diz respeito ao eixo deste estudo traremos para o centro da discussão o marcador social de peso. Sant'Anna (2016) ressalta que a história dessas corporalidades demonstra que para além dos discursos estéticos e de saúde, o corpo se tornou a principal carta de identidade pessoal formada pelo sexo, cor de pele, raça, idade e o peso que se torna um critério principal para o reconhecimento do melhor ou pior das pessoas. Embasado pelos discursos da saúde e beleza e reforçados pelos discursos midiáticos o peso ganha sentidos de sucesso, felicidade e poder, os quais são atribuídos a magreza, enquanto no lado oposto é colocado o corpo gordo, com sentido de fracasso e anormalidade, portanto, estigmatizado e sujeito a violências e exclusão (ARRUDA, 2021. JIMENEZ, 2020. SANT'ANNA, 2016). A esse estigma que compreendemos como a gordofobia.

Um dos principais discursos é o que impõe a beleza como critério essencial na construção do sujeito-mulher, Wolf (2020) denomina *Mito da Beleza*, que também podemos entender como pressão estética. A autora o aponta como uma ferramenta de controle usada contra as mulheres pelo sistema patriarcal e capitalista. Conforme as mulheres passaram a conquistar direitos nos campos político, social, sexual e médico, essa forma de controle passou a ser instaurada para manter as mulheres sob domínio dos homens. A beleza é então, uma arma política contra as mulheres que impede sua evolução no campo político e social.

Não obstante, a relação entre corpo e beleza atravessa vários dos relatos retratados em *Aconteceu Comigo*, seja como tema principal ou secundário, como se vê na Figura 1 em que a

personagem passou oito anos sem ir à praia ou piscina por ter vergonha do seu corpo, até que começou a ler e conversar sobre aceitação.

Figura 1 – Trecho de tira sobre aceitação do corpo



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)

E por que o corpo gordo não é considerado normal, portanto, belo? O discurso médico, por sua vez, determina como saudável o corpo magro e atribui a gordura caráter de ameaça à saúde. Assim, o corpo gordo ganha estatuto de doença a partir da obesidade. Esse sentido ganha mais força a partir da difusão midiática alarmista que desconsidera as subjetividades, afetos e dimensões culturais quando se há uma normatização do que se considera saudável, e ainda o fator humano de estar suscetível ao longo de sua vida a adoecer e mudar, sejam quais forem seus atributos o que incutiu um verdadeiro medo generalizado de se engordar (JIMENEZ, 2020. SANT'ANNA, 2016). A compreensão do corpo gordo como feio, anormal e doente é reforçada pelos discursos midiáticos que ao passo que difunde representações e ideias positivas do corpo magro, traz representações negativas e estereotipadas do corpo gordo, principalmente feminino (ARRUDA, 2021). Para Sant'Anna (2016) as representações do corpo na mídia revelam o medo de ser feio, fraco ou inconveniente.

Para se tornar sujeito, a mulher gorda, deve ter um fundante repúdio em si mesma, ou seja, para ser inserida na sociedade essa mulher precisa buscar o emagrecimento, assim ela atesta que está buscando se tornar "normal". E ocorre uma vigilância sobre essas corporalidades para que estejam sempre provando que buscam atingir o estatuto da magreza e beleza, principalmente utilizando o discurso médico de saúde. Como se vê na Figura 2 em que a personagem conseguiu superar problemas de cunho psicológico com tratamento adequado, mas que por ter engordado 30 quilos deixou de ser considerada "normal".

Figura 2 – Tira “Magreza não é sinônimo de saúde e ser gorda não significa estar doente”



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)

Na Figura 3 a personagem fala sobre como mesmo estando saudável as pessoas continuam fazendo recomendações para ela emagrecer em nome da saúde e relata a inacessibilidade para os corpos gordos.

Figura 3 – Tira “Sou gorda, saudável e feliz”



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)

Das publicações da *webcomic* marcada com a *hashtag* #aconteceucomigohq, 12 falam direta ou indiretamente sobre a relação do corpo com autoestima, beleza, saúde e aceitação. Sendo dez que retratam questões da pressão estética e duas que retratam gordofobia.

CORPO LIVRE X CORPO GORDO

As tiras que demonstram as formas como a pressão estética atinge as mulheres têm uma mensagem que normalmente se aproxima do discurso do movimento *body positive*, que visa uma crítica ao padrão de beleza que fomenta a pressão estética, defendendo a ideia de que todo corpo é belo, com ênfase para corpos que se distanciam da normatização do corpo cis branco magro heteronormativo e sem deficiência. Assim, suas pautas e ações normalmente são voltadas para a aceitação, autoestima, moda e belezas diversas (JIMENEZ, 2020). No Brasil o movimento também ficou conhecido pela *hashtag* #corpolivres criada pela jornalista e influenciadora digital Alexandra Gurgel².

Já o movimento antigordofobia, ou ativismo gordo, critica a patologização dos corpos gordos e especificamente a gordofobia que implica na exclusão das pessoas gordas da sociedade com a inacessibilidade em espaços físicos e sociais, assim como em estruturas institucionalizadas como a Escola, Família e Medicina. Este movimento é contrário a estigmatização do corpo gordo (JIMENEZ, 2020).

Dessa forma, propomos identificar a partir das interações nos comentários das publicações da *webcomic* se existem discursos que se aproximam das pautas *body positive* e antigordofobia e analisar as relações e tensões que possam existir entre eles. Foram levantados 597 comentários das 12 *webcomics* que abordam a temática do corpo, pressão estética e/ou gordofobia³. Após categorizar as tiras entre as que retratam pressão estética (dez) ou gordofobia (duas), foram analisados os comentários buscando indicadores de relações ou tensões existentes entre ambos os discursos. Para isso, foi feita a leitura dos comentários com atenção aqueles que interagiam ou fomentavam discussão com os demais leitores e leitoras, assim como com a própria quadrinista.

Algumas questões chamam atenção no conteúdo e discursos implicados nos quadrinhos e comentários de *Aconteceu Comigo*. As tiras que retratam relatos atravessados por implicações da pressão estética não têm essa temática como tônica em todos os casos. Em seis dos dez quadrinhos havia outros temas como relação abusiva, machismo, lesbofobia e racismo, demonstrando a pertinência de uma perspectiva interseccional. Tendo em vista a questão do corpo e beleza estando presentes nesses relatos de outras opressões e experiências demonstra o que Wolf (2020) enfatiza sobre o mito da beleza como controle social sobre as mulheres e seu uso para validação do sujeito-mulher. As tiras com ênfase na questão da pressão estética com

relação a autoestima convergem na conclusão das narrativas com mensagens positivas de aceitação e amor-próprio, dialogando com o discurso *body positive*.

Destacam-se nos comentários dessas tiras os que expressam identificação com o relato representado, pelas próprias leitoras (majoritariamente mulheres) e opiniões sobre o assunto tratado na tira. Além disso, as leitoras e leitores também ressaltam em alguns comentários o impacto da imposição desses padrões para a saúde mental das mulheres que acabam sendo impactadas de diferentes formas como na sua carreira, relações pessoais, entre outros, devido a constante preocupação e deterioração de sua autoestima.

Lindo. Sempre. Apesar de não ter essa condição, também tive muito problema para aceitar meu corpo: sem peito, sem curvas, reto sem nem mesmo ser magro. *Eu me senti um fracasso como mulher* por muito tempo. Hoje sei que nada disso me define. Eu sou eu e me curto. (Comentário no Instagram @ltdathayde, grifos da autora).

Quando leio essas histórias eu fico chocado em como as pessoas podem ser cruéis de forma tão natural, sem perceber o grande impacto psicológico que pode causar na vida dos outros (Comentário no Instagram @ltdathayde).

[A quadrinista, em resposta] [...] Foi justamente por isso que comecei essa série, inclusive. Quero acreditar que o preconceito e a crueldade são fruto da ignorância das pessoas e que, conhecendo um pouco mais da vivência do outro, a empatia segue (Comentário no Instagram @ltdathayde)

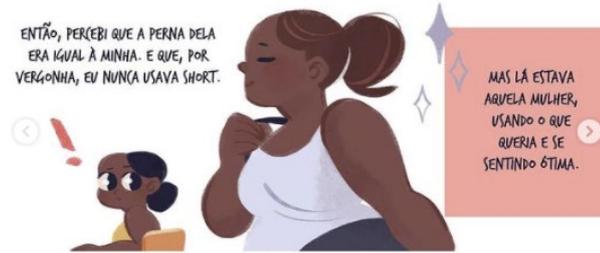
Tanto nas tiras quanto nos comentários há um questionamento sobre a normatização do que são considerados atributos femininos relacionados a estética. O peso também aparece sempre relacionado a sua estética e visualidade. O que também implica em relatos de vergonha.

É cada regra que inventam né? Pra ser mulher tem que desenvolver naturalmente, tem que pintar as unhas e tirar um pedaço minúsculo de pele da unha, e se depilar em x lugares e deixar o cabelo de x tamanho...Eles sempre vão tentar nos diminuir [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde)

Aos 33 anos morro de vergonha de ir à praia, ainda não ultrapassei essa barreira (Comentário no Instagram @ltdathayde)

A tira da Figura 4 chama atenção por falar diretamente sobre o corpo gordo, mas, sob a ótica da autoestima e aceitação. Ela acaba se relacionando com a da Figura 1, em que a vergonha do corpo ganha destaque tanto no quadrinho quanto nos relatos nos comentários.

Figura 4 – Trecho da tira sobre corpo gordo e aceitação



Fonte: Reprodução Instagram Laura Athayde (@ltdathayde)

Observa-se também que os dois relatos em quadrinhos que retratam especificamente a gordofobia receberam muito mais comentários em comparação aos outros. Em um deles a personagem relata como sofria com problemas de saúde e os superou, mas que não é mais vista como ‘normal’ devido ter engordado 30 quilos (ver Figura 2) e no outro a personagem fala especificamente sobre gordofobia (ver Figura 3), vale ressaltar que o termo é marcado na legenda de ambas as publicações através da *hashtag* #gordofobia pela quadrinista. A primeira tira recebeu 60 e a segunda 98 comentários (somando-se comentários e respostas).

Essa maior quantidade de interações das leitoras e leitores se explicou no decorrer da análise por uma maior incidência de discussões, relatos e opiniões deixadas nos comentários.

Me identifiquei muito! Nunca tomei remédio, mas *me sentia culpada por ser gorda*. Depois de algum tempo, percebi que eu não tinha que me importar. [...] Refletimos nos outros o que pensamos de nós. Se você está bem consigo, vai incentivar os outros a se aceitarem como são! (Comentário no Instagram @ltdathayde, grifo da autora).

O pior é as pessoas acharem q vc tá "relaxada" e deprimida só pq vc engordou... Mal sabem elas q hj sou muito mais feliz e bem resolvida com meu corpo do q quando era 30 kg mais magra... E só ouvia elogios por isso mesmo estando muito mal por dentro [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

Assim como nas próprias tiras, os comentários abordaram bastante a questão do corpo a partir da haste de peso, relacionando principalmente à saúde. Chamam atenção os relatos e as opiniões contrárias ao sentido de corpo gordo saudável demonstrado nas narrativas, o que gerou algumas discussões.

Não sei onde leram que obesidade não significa estar doente. Vários artigos já associaram a obesidade a vários tipos de câncer e de outras patologias. [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

Cheguei na ginecologista outro dia, no mesmo segundo que ela olhou para mim ela já disse “você está MUITO acima do peso, precisa emagrecer com

urgência!” Me passou exames de glicose, colesterol, triglicérides, tudo o que vcs podem imaginar e adivinha? Tudo perfeito, muito melhor do que o da minha irmã que é magra e padrão! Como eu não podia ir na consulta de retorno pq estava trabalhando, minha mãe levou os exames para ela ver e ela mandou a seguinte: se a Bruna não emagrecer URGENTE ela vai MORRER DE INFARTO. Detalhe: tenho 24 anos, sou vegetariana, me alimento super super super saudável. Pessoas gordofóbicas tentam refutar suas provas de que está saudável a todo tempo, impressionante... olha pra vc e diz que, se é gordo está doente, se você não está doente então vc VAI MORRER, pq como pode um gordo viver feliz e em paz? Muito difícil, viu. Em compensação, minha irmã que é magra ninguém nunca diz nada e ela tem problemas graves de triglicérides e colesterol, pq é magra mas não come NENHUMA fruta, NENHUMA verdura, NENHUM legume, é só arroz feijão e frango. [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

É importante frisar que alguns comentários que criticam a gordofobia se valem do discurso *body positive* para defender os direitos das pessoas gordas, ao passo que também é utilizado para limitar até onde ela pode ser aceita, considerando a ideia de que essa pessoa pode se sentir bem (esteticamente) desde que tenha saúde.

[Resposta ao relato reproduzido no último comentário] Cara, eu sou a favor de todo mundo ser feliz como quiser. E eu não estou aqui para defender todos os médicos. Porém é estatisticamente provado em diversos estudos que obesidade é FATOR DE RISCO para várias doenças. Não quer dizer que vc vá tê-las só por isso, que vc vá morrer, nem nada disso. [...] [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

Corroborando o que vimos anteriormente com Jimenez (2020), Goffman (2019) e Butler (2019) sobre o estigma como controle e a vigilância sobre os corpos gordos e o repúdio fundante em si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar que há uma preocupação expressa através dos comentários que dialogam com os preceitos do movimento *body positive* em defender a liberdade dos corpos em relação aos padrões de beleza, com ênfase para o amor próprio, bem estar e a liberdade de ser como quiser. Evidencia-se também a relação da pressão estética com outras formas de opressão, quando visto sob uma perspectiva interseccional, como com relação ao racismo e transfobia, além da própria gordofobia.

Já nos relatos sobre gordofobia analisados nas tiras de *Aconteceu Comigo*, existe nos comentários uma constante discussão e vigilância pautados pelo discurso da saúde. Percebe-se

uma tensão entre os que criticam a gordofobia e os que defendem o corpo livre desde que esse corpo seja saudável. Em alguns comentários se lê afirmações de que nenhum corpo gordo é saudável, ainda que estudos já demonstrem o contrário. Contudo, um comentário chama atenção: “Mesmo se a pessoa não estiver com os exames 100% NINGUÉM.TE.DEVE.SAÚDE” [sic] (Comentário no Instagram @ltdathayde).

Utilizando-se do discurso médico de saúde, há uma legitimação da constante vigilância sobre os corpos gordos e essa vigilância expressa em comentários das leitoras e leitores evidencia que o *corpo gordo* ainda é oposto de *corpo livre*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maiara Alvim de. **Leitores e autores na era da web 2.0: webcomics, narrativas hipertextuais e participação**. 2019. 206 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

ARRUDA, A. **O Peso e a Mídia: as faces da gordofobia**. 1ª. ed. São Paulo: Alameda, 2021.

ATHAYDE, Laura. **Aconteceu Comigo: histórias de mulheres reais em quadrinhos**. São José do Rio Preto-SP: Balão Editorial, 2020.

ATHAYDE, Laura. [@ltdathayde]. In: Instagram (jun. 2018 – out. 2021). Disponível em: [Laura Athayde \(@ltdathayde\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

BOFF, Ediliane de Oliveira. **De Maria a Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos**. 2014. 320f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BUTLER, J. Introdução. In: BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: N-1 Edições, 2019. p. 15-53.

CARRERA, F. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2198. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro, Lamaprina, 2020.

JIMENEZ, Malu. **Lute Como uma Gorda**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2020.

LORDE, Audre. Não Existe Hierarquia de Opressão. *In:* HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. *In:* HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b

MESSIAS, Carolina Ito. **Um panorama da produção de quadrinhos publicados na internet no Brasil.** 2018. 156f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PAIM, M. S. Magra de Ruim e as (Re)Invenções de si. *In:* MARINO, D.; MACHADO, L. **Mulheres e Quadrinhos Universidade.** São José: Skript, 2020. p. 57-71.

POULAIN, J.-P. **Sociologia da Obesidade.** São Paulo: SENAC São Paulo, 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos: uma história de peso no Brasil.** São Paulo: Estação Liberdade, 2016

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

WOLF, N. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra mulheres.** 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

¹ ATHAYDE, Laura. [#aconteceucomigohq]. *In:* Instagram. Disponível em: [#aconteceucomigohq hashtag no Instagram • Fotos e vídeos](#)

² Autora dos livros *Pare de se odiar* (2018) e *Comece a se amar* (2021).

³ Coletadas através da ferramenta de extensão para o navegador Google Chrome, IGCommentExport, em planilhas do Microsoft Excel.